

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA
DRA. MÔNICA APPEZZATO PINAZZA
– UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO -
USP**

José Carlos de Melo 1

Pós-doutor em Educação pela Universidade Católica de Santos **1**
– UNISANTOS. Docente Associado do Departamento de Educação II da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA e do Programa de Pós-Graduação
em Gestão do Ensino da Educação Básica – PPGEEB. Coordenador do Grupo
de Estudos, Pesquisas, Educação, Infância & Docência - GEPEID. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1282285394690979>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0501-8141>. E-mail: mrzeca@terra.com.br

Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP, com diplomas em Licenciatura Plena (1978) e Bacharelado (1979), mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (1989) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1997). Professora Associada (Livre-docente) do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Atua como docente e pesquisadora na área de Educação, particularmente em Didática/ Formação de professores e Educação da Infância, focalizando em seus trabalhos os seguintes temas: teorias de ensino, práticas pedagógicas, formação de profissionais de educação infantil, culturas docentes e institucionais e práticas de supervisão em contextos. Desenvolve junto a unidades de educação infantil da rede municipal de São Paulo o Projeto: Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos, no âmbito do Projeto de Pesquisa: Contextos Integrados de Educação Infantil, (CIEI) da Faculdade de Educação da USP, do qual é uma das coordenadoras. Membro como pesquisadora do Grupo de Pesquisa FORMACCEINFANCIA LINGUAGENS E EJA da UNEB. De 2005-2008 participou como pesquisadora no Programa de Cooperação Internacional CAPES/GRICES (Brasil/Portugal) com o Projeto Infância: formação/pesquisa/ inovação. Diálogos internacionais com Pen Green Centre/ Corby/ Inglaterra e com Parmalnfanzia e Universidade de Parma, Parma/ Itália. Em 27 de agosto de 2009, foi indicada Coordenadora Representante do Brasil junto à European Early Childhood Education Research Association (EECERA). Em 2010 e 2016, atuou como pesquisadora internacional convidada no Projeto de Desenvolvimento da Pedagogia-em-Participação no âmbito de uma parceria entre Fundação Aga Khan/ Portugal e Associação Criança/Portugal. Participação em Projeto de Cooperação Internacional de Formação de Profissionais da Saúde, de Maputo/Moçambique, envolvendo o Ministério da Saúde de Moçambique, a Agência JICA (Japan International Cooperation Agency) e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (finalizado em 2018). Coordenadora do Convênio Acadêmico Internacional entre a Faculdade de Educação da USP e a Institución Universitaria Antonio José Camacho, Santiago de Cali, Colômbia.

Professora Mônica, Gostaria de começar essa entrevista, conhecendo um pouco da sua trajetória como educadora e a sua chegada na Educação Infantil.

Minha formação inicial em graduação foi em Psicologia (bacharel e licenciatura), mas já ao tempo em que eu estava cursando a Psicologia, fui me direcionando ao campo da Psicologia Escolar e, o contato com a escola e as questões relativas aos processos de ensino e de aprendizagem, foram ganhando crescente interesse. Depois de uma rápida passagem por trabalho em clínica e em um 'centro de reabilitação' para pessoas com deficiências de várias naturezas, comecei a explorar mais o terreno educacional. Quando me mudei para São Paulo, em 1981, dediquei-me à preparação para o mestrado em Educação na Faculdade de Educação da USP (FEUSP). A esse tempo, aprofundei-me em leituras nos campos de Fundamentos da Educação – História, Filosofia e, alguns estudos, em Ciências Sociais. Entrei no mestrado em 1982, na área de Didática, tempo em que me aproximei de um projeto que estava nascendo na FEUSP, capitaneado pela profa. dra. Tizuko Morchida Kishimoto, concebido a partir de um grupo de estudos sobre brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Esse projeto avançou e deu origem ao que é hoje o Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP). Com a aposentadoria da profa. Tizuko, eu e o prof. dr. Marcos Garcia Neira assumimos a coordenação do LABRIMP, até os tempos atuais. Minhas pesquisas de mestrado e, logo mais, a de doutorado focalizaram a etapa da educação infantil sob diferentes perspectivas. Na concomitância com meus estudos de pós-graduação na FEUSP, atuei como docente no extinto curso de magistério, inclusive, na habilitação para a pré-escola (terminologia da época) e no ensino superior, na formação de professores em cursos de licenciatura, em instituições particulares. À época fui proponente de curso de especialização (pós-graduação *lato sensu*) em educação infantil em uma das instituições de ensino superior. Meu envolvimento com a formação de professores e com a educação infantil ganhou contornos definitivos com minhas atuações no Fórum Paulista

de Educação Infantil e compondo a equipe de organização das primeiras quatro edições do Congresso Paulista de Educação Infantil. Ademais, foi decisiva minha aproximação à rede municipal de São Paulo desde 2002 e de municípios paulistas vizinhos, tempos mais tarde, atuando como coordenadora e docente em cursos de formação para profissionais (docentes e gestores) da educação infantil. Atualmente, sob minha coordenação dou seguimento aos trabalhos no Grupo de Pesquisa “Contextos Integrados de Educação Infantil”, criado em 2001 pela profa. Tizuko e do qual eu já participava como pesquisadora. Deste Grupo de Pesquisa, derivaram, em 2003, o Grupo de Estudos “Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos” criado e coordenado por mim e o Grupo de Estudos “Formação de Professores”, coordenado, originalmente pela profa. Tizuko e hoje sob a coordenação da pesquisadora dra. Meire Festa. Foi deste Grupo de Pesquisa que resultaram importantes parcerias com Portugal, Inglaterra e Itália. A mais duradoura parceria é com a Associação Criança de Portugal. Atualmente, também coordeno um convênio com uma universidade da Colômbia. O projeto que temos partilhado tem como objeto de estudo os processos de transição da família para a educação infantil e da educação infantil para o ensino fundamental. A condição de pandemia tem dificultado a continuidade das pesquisas, que dependem da inserção nos contextos educacionais.

Na sua opinião qual a importância da formação inicial e continuada na contemporaneidade de educadores para atuar na Educação Infantil?

Incontestavelmente, a formação de profissionais para a educação infantil é fundamental, posto ser esta etapa a primeira da educação básica. Entendo essa formação na perspectiva da educação permanente, ou seja, inspirada por autores como António Nóvoa e outros tantos, compreendo que a formação profissional se dá em um *continuum*. Prefiro falar em desenvolvimento profissional a falar em formação, posto que defendo que não é qualquer processo formativo que resulta em desenvolvimento pessoal e profissional. Precisamos cuidar da qualidade dos cursos de formação inicial e contínua para que resultem, realmente, em desenvolvimento do profissional. No que tange aos cursos de formação inicial, penso que necessitam acolher projetos de estágio em parceria com instituições da rede pública de educação infantil, não podendo adotar uma visão reprodutiva e adaptativa em relação ao que já existe. Precisamos de cursos que instiguem a transformação da realidade e, portanto, não acomodem as pessoas ao que já existe. Relativo aos cursos de formação contínua, precisam pautar-se nas inquietações das pessoas que estão na prática. São pouco exitosos os cursos concebidos em forma de “pacotes”, “kits” pré-concebidos, distanciados dos dilemas dos práticos. Esses tipos de cursos podem ser ilustrativos, mas não impactam efetiva e positivamente as práticas nas instituições de educação infantil, ou seja, não têm poder transformador. Ademais, acredito que os contextos de trabalho são espaços privilegiados de formação contínua em serviço e, portanto, defendo políticas públicas que assegurem tempos e espaços formativos no âmbito das unidades de educação infantil, compondo o horário de trabalho das equipes de profissionais.

Brevemente nos fale um pouco sobre as “Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o Passado Construindo o Futuro” Apresentada no livro no qual você organizou e se tornou leitura obrigatória nos cursos de Pedagogia

Primeiramente, me orgulho muito de ter sido uma das organizadoras deste livro, juntamente com as professoras Tizuko Morchida Kishimoto e Júlia Oliveira-Formosinho. Essa obra foi a primeira produção resultante de uma grande parceria do Grupo de Pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Associação Criança e Universidade do Minho, Braga Portugal, no âmbito do Programa de Cooperação Internacional CAPES/GRICES. À época, estávamos muito empenhadas em construir com bastante clareza quais eram as pedagogias participativas que nos orientavam e resolvemos convidar as pessoas leitoras a se orientarem também por essas possíveis formas de pen-

sar pedagogias pautadas em processos participativos, mostrando que, ao longo da história da educação e da pedagogia, tivemos estudiosos a iluminar os caminhos nessa direção, contrária a perspectivas transmissivas de se pensar e fazer pedagogia. Temos, ainda, muita resistência em atuarmos de forma participativa. Trata-se de um árduo exercício diário, constante. Por isso precisamos sempre buscar inspiração em leituras que tragam subsídios teórico-práticos que possam nos sustentar em nossos dilemas no cotidiano da educação infantil, nas relações entre todos os atores implicados direta ou indiretamente com as práticas educativas junto aos bebês e às crianças na primeira infância.

Em qual área atualmente encontram concentradas as suas orientações nos programas de Pós-graduação em qual você está vinculada

Hoje, como sempre estive desde a minha chegada na Pós-graduação, estou implicada, inclusive como coordenadora, com a Área de Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas, nova nomenclatura da Área de Didática. Minhas orientações centram-se nas temáticas de formação de profissionais e de práticas do cotidiano da educação básica, especialmente, da educação infantil. Coordeno, hoje, um Projeto de Pesquisa que trata sobre a questão das transições entre etapas educacionais. A pandemia nos tirou do campo, mas em um momento em que já tínhamos alguns dados produzidos em 2019. Estamos em fase de sistematização, com a escrita de uma tese de doutorado; de um relatório de pós-doutorado e um artigo de pesquisadora do meu grupo de pesquisa.

Em sua opinião qual a importância das brincadeiras no desenvolvimento da aprendizagem das crianças?

Se podemos falar em acertos dos documentos oficiais que tratam do currículo da educação infantil desde o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN) (Brasil, 1998) até a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (BNCC) (Brasil, 2017) é o fato de indicarem o Brincar como um dos eixos essenciais. Os documentos produzidos ao longo da década de 1990, tendo como culminância a LDBEN No. 9394/96 (Brasil, 1996) e mais adiante as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 1999, com reedição em 2009) foram decisivos para a entrada do tema do brincar e da brincadeira no cenário da educação e, particularmente, da educação infantil. É um tema que precisa sempre estar presente nas formações e nos debates, posto que, existe, ainda, uma tendência a trazer o Brincar como uma condição episódica, destacada dos fazeres das instituições como se fosse algo à parte das demais ações e vivências do cotidiano.

Com a sua vasta experiência e vivência internacional, como podemos agregar essas experiências na educação infantil no contexto brasileiro?

Sempre com muito cuidado! É preciso que tenhamos conhecimento ampliado das experiências de outros países, de abordagens pedagógicas plurais, mas a nossa leitura deve ser crítica, pautada em nossas complexas realidades brasileiras (vejam que eu uso no plural, porque não é possível concebemos algo único e uniforme para realidades tão díspares de um país com a dimensão e as peculiaridades regionais e locais como o Brasil). Eu me inspiro em muita coisa que colhi de minhas experiências no exterior, me alimento delas, mas sempre com um olhar cuidadoso, buscando a pertinência do que vi, do que li e do que vivi, com os nossos contextos nacionais e locais. Inspiração é importante, mas é diferente de reprodução e de adaptação aligeirada e acrítica. Há experiências que têm muito a nos ensinar, porque, inclusive geraram importantes pesquisas que as validaram. Contudo, precisamos traçar nossos próprios caminhos, mas com o “espírito aberto” (como diria John Dewey) para o novo, uma forma de nos colocarmos em caminho da reflexão.

Em sua opinião, qual a importância das Brincadeiras Interativas dos Bebês?

As brincadeiras dos bebês representam a forma de se relacionarem com o mundo (com os objetos, com seus pares e com os adultos em seu entorno). Desde os escritos de Froebel, as brincadeiras da mãe com o bebê são destacadas como essenciais à apreensão das coisas do mundo e, portanto, ao desenvolvimento infantil. Em condição coletiva, as brincadeiras são a base na constituição de vínculos, na percepção de diferenças e de aproximações, na solução de problemas e de conflitos entre pares. É a atividade fundamental a preencher o cotidiano da creche.

Em sua opinião o que aprendemos com a pandemia do COVID19 em relação à Educação Infantil?

Gosto como a questão foi formulada. Sim, também aprendemos com a pandemia. Afinal, a despeito de tantas circunstâncias inusitadas, tantos desafios e tantas incertezas, a condição drástica imposta pelo longo período de afastamento social e a necessidade do trabalho remoto escancararam as desigualdades socioeconômicas e culturais do público infantil brasileiro e as condições de vulnerabilidade em que historicamente vive uma parcela expressiva dos bebês e das crianças pequenas atendidas pelas instituições públicas de educação infantil nas 27 unidades federativas do Brasil. Reafirma a urgência de fazermos o enfrentamento de situações que não respeitam as profundas diferenças e de investirmos em políticas públicas verdadeiramente atentas à diversidade, considerando desde as condições mais primárias de infraestrutura até a concepção de propostas curriculares mais condizentes a cada realidade contextual. Isso também se faz, apostando mais nos profissionais da educação, em sua formação, em seu plano de carreira e na qualidade de seus contextos de trabalho.

Nesta pandemia, as instituições educacionais e os profissionais da educação estiveram sempre presentes e foram ponto de suporte às famílias e às comunidades, não só no que tange a questões propriamente educacionais, mas em outros setores da vida – saúde, alimentação, etc. Estiveram sempre abertas e em contato com a comunidade, presencial ou remotamente. Não pouparam esforços em permanecerem por perto, atentas aos acontecimentos.

A importância da interlocução com as famílias evidenciou-se definitivamente, porque, nos primeiros tempos, as unidades mais exitosas em localizar os bebês e as crianças, foram aquelas que já estabeleciam um vínculo mais aproximado com os familiares, inclusive, por vias de comunicação remota. As unidades criaram pontes importantes e mostraram a relevância do trabalho por elas desenvolvido, além de estreitarem elos de confiança mútua. Será muito importante que essa interlocução estreitada persevere em tempos futuros, na volta ao trabalho presencial.

Quanto aos profissionais da educação, assistimos a uma profusão de boas práticas, fruto de esforços individuais e coletivos. Experimentaram novos caminhos de chegar aos bebês e às crianças. Ademais, aprendemos que podemos otimizar, mediante o emprego de ferramentas de comunicação remota, com o domínio das tecnologias em nosso favor, processos formativos para além dos importantes momentos presenciais de formação. Os meios remotos não vieram para substituir os presenciais, mas para expandir as vias de comunicação e superar os limites temporais, por vezes, colocados pela condição presencial.

Espero, realmente, que tenhamos aprendido com este momento atual, tão difícil e doloroso para todos nós, não só do Brasil, mas para toda população mundial.

Professora Mônica, muito obrigado por nos conceder esta entrevista!